

Dilemas culturais e crises de identidade na Terceira República Francesa

Paulo Rodrigo Andrade Haiduke (UFPR)ⁱ

Ao longo do romance proustiano *A la recherche du temps perdu*, vemos que o narrador e protagonista reitera diversas vezes sua sensação de fracasso quando tentara alcançar uma coisa sonhada em seu correlato real e material. Isto remete à neurastenia, que foi considerada a *doença do século* segundo os contemporâneos deste período turbulento, e que vinculava certo culto da melancolia, nervos frágeis e alta sensibilidade. (WEBER, 1989)

Proust apresenta assim seu narrado e protagonista como paradigmático neurastênico *fin-de-siècle*: “*E no caso de um temperamento nervoso como era o meu, isto é, de uma natureza onde os nervos, ou sejam os intermediários, não cumprem bem as suas funções*” (PROUST, p. 220-221, 1990). É interessante destacar que foi neste período que surgiu a psicanálise, fruto de uma modernidade vienense que designava certo estado d’alma como nervosismo. Friedrich Nietzsche teria sido um dos primeiros a identificar a neurose como fenômeno singularmente moderno (LE RIDER, p. 67-68, 1993).

O nervosismo foi assim tema constante nesta conjuntura do final do século XIX e início do XX, sendo indício dos dilemas culturais e sociais da época:

Após ter celebrado o *Homo Politicus*, demonstra-se, doravante, interesse pelo *Homo Psychologicus*, que Carl E. Schorske, pioneiro dos estudos vienenses, apresentava como o herói de uma modernidade que assumiu a forma daquilo que Heinz Kohut, num outro contexto, chamava “remanejamento de si”. As mudanças históricas não somente obrigam o indivíduo a forjar uma nova identidade para si, mas impõem também a grupos sociais inteiros repensar ou substituir os sistemas de crenças desaparecidos. A cultura liberal, recorda Schorske, acreditava no homem racional que, através da ciência, se tornaria dono da natureza e, através da moral, dono de si mesmo. Na modernidade da época de 1900, o homem da razão concebido como um ideal universal cedeu passo a um indivíduo mais instável e mutável, à pesquisa de novas formas de vida, e sempre ameaçado de ver seu individualismo absorvido por novas comunidades. (LE RIDER, p. 496, 1993)

Esta *arte dos nervos*, contudo, foi também acolhida positivamente, sendo interpretada como resultado da luta do indivíduo que buscava enfrentar, desafiar e dominar forças muitas vezes incomensuráveis (LE RIDER, p. 70, 1993). Entre as figuras da *Recherche*, há um médico, o dr. Du Boulbon que, bem ao estilo psicanalítico, chega inclusive a afirmar que toda a cultura emergia dos nervos:

A senhora pertence a essa família magnífica e lamentável que é o sal da terra. Tudo o que conhecemos de grande nos vem dos nervosos. Foram eles e não outros que fundaram as religiões e compuseram as obras primas. Jamais o mundo saberá tudo quanto lhes deve, e principalmente o quanto eles sofreram para lhe dar o que deram. (PROUST, p. 335, 2007)

A constatação da neurastenia como um fenômeno desta conjuntura *fin-de-siècle* remete à crise e fracasso do ideal do homem moderno do século XVIII estruturado pelo esclarecimento e emancipação:

A emancipação do indivíduo na ordem política e social, essa conquista da modernidade do fim do século dezoito e das primeiras décadas do dezenove, emparelhava-se com a afirmação confiante e orgulhosa da individualidade nos domínios da ética e da estética. Não obstante, Schopenhauer e Nietzsche analisaram as ilusões e os males do individualismo, e essa crítica encontrou seu prolongamento na psicologia e na sociologia do final do século dezenove e do início do presente: a autonomia e a solidão do indivíduo aparecem como um dos fenômenos mais ambivalentes da condição moderna. A crise do individualismo, vivenciada sob a forma de uma crise do sentimento de identidade, se encontra no cerne das interrogações da literatura e das ciências humanas, tanto nas obras de Hugo Von Hofmannsthal como nas de Freud. (LE RIDER, p. 11-12, 1993)

Segundo Georg Simmel, o domínio da economia de mercado nas metrópoles europeias foi um dos responsáveis pela desvalorização do mundo objetivo, pois tornou as relações sociais e a realidade em coisas prosaicas, avaliadas sempre quantitativamente. Ao comentar a atitude *blasé* difundida na modernidade, afirma ele:

Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana. A autopreservação de certas personalidades é comprada ao preço da desvalorização de todo o mundo objetivo, uma desvalorização que, no final, arrasta inevitavelmente a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade. (SIMMEL, p. 19, 1967)

Jacques Le Rider considera a modernidade vienense como extremamente interessante por conta de algumas características históricas do seu caso. Viena era sentida e vivida como um dos últimos exemplares do arcaico e velho mundo do Antigo Regime, e por isto o abalo da modernização teria sido ali ainda mais radical no final do século XIX e início do XX. Mas conforme podemos observar a partir de Arno Mayer, longe de ser uma característica unicamente austríaca, a permanência da tradição e sua simbiose com o mundo moderno foi recorrente também em outras potências europeias no período (MAYER, 1987).

O encontro entre a modernização em suas diversas dimensões e facetas, e as tradições ainda vigentes de um velho mundo, está no cerne do impasse entre a idealização e o desencanto do narrador ao longo de sua experiência. Esta contradição entre uma realidade considerada medíocre e os desejos e sonhos incólumes leva o narrador a defender a idealização da vida em oposição à experiência real, por possibilitar ver a vida: *“de acordo com o seu desejo, não como sua experiência lhe ensinou que ele sabia torná-la, isto é, medíocre.”* (PROUST, p. 65, 1954) A própria morte ressurge como não totalmente realizada na memória do narrador, onde seus desejos e sonhos criam uma espécie de imortalidade mesmo aos entes queridos que já expiraram (PROUST, p. 73, 1956).

Contudo, como por fim observa o narrador, a idealização não deixa de ser também um imenso obstáculo na busca pela verdade. Desta forma, seu desejo *de sabersurge* então através dos relacionamentos e do ciúme para deflagrar a inexorável, porém intangível, realidade. Os amores e respectivos ciúmes funcionam assim como novos guias de um aprendizado crucial: *“Os sonhos não são realizáveis, bem o sabemos; não os idearíamos talvez se não*

fosse o desejo, e é útil ideá-los para os ver malograrem-se e para que o seu malogro sirva de lição.” (PROUST, p. 154, 1956)

Logo, o amor e o ciúme demonstram também que o mundo exterior existe e é inegável: *“A realidade é a mais hábil das inimigas. Desfecha os seus ataques nos pontos de nosso coração onde não os esperávamos, e onde não tínhamos preparado a defesa.”* (PROUST, p. 334, 1954). Porém, esta realidade exterior surge como alheia ao narrador: *“O desconhecido da vida das criaturas é como o da natureza, que a cada descoberta científica recua mas não se anula.”*(PROUST, p. 336, 1954).

Ideal subjetivo contraposto à realidade exterior do mundo, das pessoas, da vida, eis o núcleo do impasse:

E, talvez, uma das causas de nossas perpétuas decepções em amor esteja nesses perpétuos desvios que fazem com que, à espera da pessoa ideal a quem amamos, cada encontro nos traga, em resposta, uma pessoa de carne em que já existe tão pouco do nosso sonho. (PROUST, p. 28, 1956).

Assim, o subjetivismo pleno levado a cabo pelo gênio surge como possibilidade de superar a opressora e implacável realidade. Segundo Le Rider:

O individualismo e o culto ao gênio se reúnem sob o signo do narcisismo. Esta utopia afirma o poder de criar, através das forças da subjetividade cosmogônica, valores autênticos suscetíveis de fornecer um sentido à vida, contra a sociedade de massa, o desencanto do mundo pela ciência e a técnica, e o desenraizamento da condição moderna. (LE RIDER, p. 120, 1993).

Richard Sennett também chama atenção para o caráter narcisista da experiência moderna, quando avalia o *declínio do homem público* ao longo do século XIX. Ele destaca a preponderância que o Eu ganhou dentro do espaço das relações sociais, chamando atenção justamente para a obsessão moderna pela busca da verdade subjetiva profunda, que teria legado aos espaços de sociabilidades a constante busca pela realidade íntima e pessoal como necessária para encetar relações verdadeiras. (SENNETT, 1999)

Este período que vai assim do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, que Michel Winock, em seu livro *O século dos Intelectuais*, denomina *Os anos Barrès*, foi marcado pela contradição inerente ao sujeito moderno (WINOCK, 2002). Jogando com o nome do famoso livro de Maurice Barrès, o qual teria sido de imensa influência para as vanguardas artísticas da época contemporâneas de Proust, afirma Le Rider: “*Trata-se de um paradoxo singular: o ‘culto do eu’ se combina com a descoberta do vazio ou da fragilidade deste mesmo eu.*” (LE RIDER, p. 77, 1993).

Um dos aspectos mais evidentes da crise de identidade foi em relação ao elemento masculino. A perda de força das tradições, logo dos papéis devidamente definidos e hierarquizados, teria levado à subversão e reformulação dos códigos sexuais no final do século XIX. A questão do gênero não escapou às ambiguidades modernas: a emancipação feminina, questão colocada com força desde o século XVIII, se impôs no debate moderno *fin-de-siècle*, e em consequência disto houve vários posicionamentos, desde o elogio à feminilidade como redentora, até a acusação de que a feminização da cultura seria responsável em parte pela crise moderna (LE RIDER, p. 210, 1993). Conforme destaca Le Rider: “*O medo à mulher e a adulação do feminino possuem a mesma raiz: a crise de identidade masculina.*” (LE RIDER, p. 246, 1993).

Um dos fundamentos da indefinição entre masculino e feminino nesta conjuntura se deu pelo questionamento da própria origem natural da diferença de gêneros: “*Homem e mulher, masculino e feminino, são construções, noções de acaso que nos ajudam quanto à orientação mas que freqüentemente nos induzem ao erro. O sujeito revela-se freqüentemente deslocado em relação a seu corpo sexuado.*” (LE RIDER, p. 174, 1993). Assim, avaliado positiva ou negativamente, o que parece claro é que o final do século XIX foi intrinsecamente marcado pela elevação e problematização do feminino na cultura, o que para muitos foi visto através da já citada sensibilidade nervosa que marcou o período. O gênio individualista, em seu cultivo voluntário à desintegração do eu, longe de apenas temer o feminino, tornou-o sua

problemática. Como consequências disto, teria ocorrido um processo de feminização da escrita que foi bem recepcionado por alguns, mas muito combatido principalmente pelos *modernos antimodernos* desta conjuntura (LE RIDER, p. 187, 1993).

Muitos contemporâneos ligaram o mal estar da modernidade ao conflito que seria inerente à relação entre indivíduo e sociedade, ou seja, os processos de adaptação sempre nevrálgica e instável do indivíduo à sociedade: *“O mal-estar na civilização científica e técnica se traduz pelo sentimento de uma perda do ser e a busca de uma restauração da comunidade original do eu e do mundo, do microcosmo ligado com a totalidade.”* (LE RIDER, p. 135, 1993). Assim, a decadência ligada à crise da sociedade pautada em princípios masculinos, em paralelo à desagregação das tradições, assumiu pelo menos duas vertentes: necessidade de reorganizar a cultura que, feminizada, levou à crise moderna; possibilidade de salvar a modernidade do niilismo através da mulher enquanto ser que melhor se adaptaria à vida.

O questionamento e a redefinição cultural e social do feminino e do masculino remetem diretamente ao crepúsculo da tradição aristocrática. Embora persistisse, conforme as palavras de Arno Mayer, o Antigo Regime perdia paulatinamente força, prestígio e sentido. Mas não foram apenas os valores tradicionais que se encontraram em crise, mas também o próprio projeto de homem moderno surgido no século XVIII, que fora antes uma reação moderna às hierarquias fixas e rígidas do Antigo Regime. Desta forma, a falha na emancipação feminina e na assimilação dos elementos semitas nas sociedades europeias desmascarou no final do século XIX as próprias fronteiras do esclarecimento (LE RIDER, 1993).

Em contrapartida, o antissemitismo e a misoginia foram elementos extremamente relevantes dentro desta conjuntura na França. A cultura baseada nos ideais de virilidade e disciplina era o sustentáculo daquele grande inimigo francês, a Prússia, vencedora da guerra em 1871, e isto significou para os franceses nacionalistas a urgência de superar a decadência cultural, logo os elementos femininos e semitas da sociedade.

Foi a partir destas condições que o nacionalismo se elevou nestas décadas, até se firmar em grande força de coesão às vésperas da Primeira Guerra Mundial, nesta Terceira República francesa extremamente dividida e polarizada. Como salientou Le Rider, a imputação à feminização e ao semitismo como agentes no processo de decadência moderna traziam em si, no fundo, o medo de se descobrir judeu ou feminino (LE RIDER, p. 292. 1993).

Segundo Eugen Weber, os conflitos sociais na França *fin-de-siècle* significaram para muitos contemporâneos que a igualdade iluminista não passara de um mito (WEBER, 1989). Esta foi uma das causas da sensação de fracasso no final do século XIX, visto que deflagrava a impossibilidade de tornar os ideais em realidade numa modernidade inexorável. Podemos observar isto na *Recherche* proustiana, através da dramatização do insolúvel impasse entre realidade e idealização sentido pelo narrador.

Esta sensação de incompatibilidade inspira no narrador a impressão de que ele viveria em dois mundos, um da experiência e o outro da introspecção: *“Sentimos num mundo, pensamos num outro mundo, podemos estabelecer uma concordância entre ambos, mas não preencher o intervalo.”*(PROUST, p. 57, 2007). Desta forma, vemos uma concepção de indivíduo cindido entre duas realidades: *“jogando entre os dois planos da experiência e da imaginação”*(PROUST, p. 257, 2007).

Este descontentamento com o real esteve ligado à crise da ciência e do positivismo, que foram correlatos às dúvidas em relação aos processos de modernização. O esteticismo foi, assim, uma das respostas aos dilemas e crises resultantes:

O esteticismo vienense não foi, evidentemente, uma atitude específica dos intelectuais judeus. Não obstante, reveste-se nestes últimos de significação existencial particular caso seja interpretada como uma reação à perda das estruturas políticas e das possibilidades de identificação sócio-cultural, como um lançamento do indivíduo em direção a alguns refúgios: a beleza, a introspecção, o sonho. Então, compreende-se que esses escritores judeus foram privilegiados para levar mais longe que outros (e simultaneamente para criticar) a fuga do mundo e a negação da realidade que constitui a arte pela arte. (LE RIDER, p. 336, 1993).

É importante destacar que a arte engajada, de cunho crítico-social, também teve grande importância na França *fin-de-siècle*, sobretudo entre os naturalistas. Em contrapartida, os impressionistas e pós-impressionistas, por valorizarem menos os temas político-sociais, eram tachados como pouco respeitáveis (WEBER, p. 192-193, 1989). Conforme Jerold Seigel, contudo, foram estes impressionistas que expressaram na França o sentimento incompatibilidade entre a realidade social e a realidade subjetiva (SEIGEL, 1992).

Eugen Weber destaca que o campo artístico francês vivenciou grande tensão e disputa neste contexto, principalmente entre as tendências que valorizavam a experiência subjetiva, e as concepções mais materialistas (WEBER, p. 176, 1989). Porém, segundo Richard Sennett, no início do século XX as concepções mais introspectivas passaram a ser dominantes: “A celebração da objetividade e de um obstinado compromisso com os fatos, tão proeminente um século antes, tudo em nome da Ciência, era na realidade uma inadvertida preparação para a atual era da subjetividade radical.” (SENNETT, p. 38, 1999).

O narrador da *Recherche* defende um juízo artístico próximo à postura impressionista, valorizando a ilusão e a idealização introspectivas, em oposição ao encadeamento positivista das causas e consequências lógicas:

Acontece que a Sra. de Sévigné, como Elstir, como Dostoievski, em vez de apresentar as coisas na ordem lógica, isto é, começando pela causa, nos mostra primeiro o efeito, a ilusão que nos impressiona. É assim que Dostoievski apresenta as suas personagens. As ações deles se nos mostram tão enganadoras quanto aqueles efeitos de Elstir onde o mar parece estar no céu. Ficamos admirados de saber que um certo sonso é excelente, ou ao contrário. (PROUST, p. 324, 2004).

A valorização da realidade subjetiva traz consigo a maior atenção aos detalhes, às coisas que passam despercebidas e inconscientes, o que também evidencia a dúvida quanto ao pretenso controle pleno da consciência do homem esclarecido. Esta autocrítica, por fim, destacava as dimensões intermediárias entre os indivíduos e o mundo no qual transcorriam suas vidas,

e colocava em xeque a possibilidade de contato pleno e direto com o real: “*Só temos do universo visões informes, fragmentárias, que completamos com associações de idéias arbitrárias, criadoras de sugestões perigosas.*”(PROUST, p. 123, 1956).

De certa forma, pode-se afirmar que o próprio desenvolvimento do positivismo levou à sua crise, pois foram os triunfos e sucessos científicos que geraram, como espécie de efeito colateral, as dúvidas com relação à modernidade (WEBER, P. 286, 1989). A obra de Henri Bergson foi significativa neste momento, visto que ofereceu com sucesso uma alternativa que unia ciência, metafísica e arte.

As dúvidas com relação à realidade moderna, e a própria capacidade humana em apreendê-la de maneira objetiva resultavam de uma constante na época, que foi a busca frenética pelas diversas dimensões e aspectos da realidade. O teatro e os grandes espetáculos, beneficiários de toda uma nova parafernália técnica, evidenciam o gosto do público pela fantasia e pelo arrebatamento. Assim, as produções espetaculares que utilizavam inovações como a eletricidade, o gás e o vapor, alimentaram a busca por novas e estimulantes paisagens: “*Se o realismo era bom, a fantasia era melhor.*”(WEBER, p. 200, 1989).

Porém, no caso da *Recherche* proustiana, evidencia-se diversas vezes uma espécie de perspectivismo como não apenas uma sensação do narrador, mas como inclusive método de refletir a realidade: “*certeza, não podia tê-la, pois não vemos nunca senão um lado das coisas. [...] De fato, as coisas são, pelo menos, duplas.*”(PROUST, p. 204, 1956)

Na verdade, esta dúvida em relação à realidade decorria de uma sociedade em tensão e conflito como francesa no final do século XIX, desacreditada pela derrota na Guerra Franco-Prussiana e agitada e pelo tema da traição que viera à baila pelo Caso Dreyfus. Mas é preciso entender que esse relativo fechamento do indivíduo surgiu nesta conjuntura também como uma possibilidade de superação das crises e dilemas culturais e sociais

recorrentes. Ao comentar os sentimentos e sensações de Swann ao ouvir a sonata de Vinteuil, o narrador concluiu acerca da arte:

Sabia que até a lembrança do piano falseava ainda mais o plano em que via as coisas da música, que o campo aberto ao músico não é um mesquinho teclado de sete notas, mas um teclado incomensurável, ainda quase completamente desconhecido, onde apenas aqui e ali, separadas por espessas trevas inexploradas, algumas dos milhões de teclas de ternura, de paixão, de serenidade que o compõem, cada qual tão diferente das outras como um universo de outro universo, foram descobertas por alguns grandes artistas que, despertando em nós o correspondente do tema que encontraram, nos prestam o serviço de mostrar-nos que riqueza, que variedade oculta, sem o sabermos, essa grande noite indevassada e desalentadora da nossa alma, que nós consideramos como vazio e nada. (PROUST, p. 204, 1979).

Portanto, o esteticismo surge aqui não apenas como fuga da realidade e refúgio na torre de marfim, mas sim como caminho de identificação com alguma dimensão possível do mundo. Aqui se fundamenta um dos alicerces que levam o narrador a crer na primazia da arte enquanto meio de alcançar uma verdade. Uma realidade possível e necessária, um alento, mesmo que, talvez, também perecível como a vida e a realidade. Pois as grandes obras de arte:

Talvez as percamos, talvez se extingam, se voltarmos ao nada. Mas, enquanto vivermos, e tal como acontece no tocante a qualquer objeto real, não podemos fazer como se as não tivéssemos esquecido como não podemos, por exemplo, duvidar da luz da lâmpada que se acende diante dos objetos metamorfoseados de nosso quarto, de onde se escapou até a lembrança das trevas. Assim, a frase de Vinteuil, como determinado tema de “Tristão”, por exemplo, que nos representa também certa aquisição sentimental, havia esposado a nossa condição mortal e adquirido algo de humano que era assaz comovedor. Sua sorte estava ligada ao futuro e à realidade da nossa alma, de que ela era um dos ornamentos mais particulares, mais diferenciados. Talvez o nada é que seja a verdade e todo o nosso sonho não exista, mas sentimos que então essas frases musicais, essas noções que existem em função do sonho, não hão de ser nada, tampouco. (PROUST, p. 204, 1979).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE RIDER, J. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MAYER, A. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PROUST, M. *No caminho de Swann*. Tradução: Mario Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *À sombra das raparigas em flor*. Tradução: Mario Quintana. 10. ed. São Paulo: Globo, 1990.

_____. *O caminho de Guermantes*. Tradução: Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 2007.

_____. *Sodoma e Gomorra*. Tradução: Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008.

_____. *A prisioneira*. Tradução: Lourdes Sousa de Alencar e Manuel Bandeira. Porto Alegre: Globo, 1954.

_____. *A fugitiva*. Tradução: Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *O tempo redescoberto*. Tradução: Lúcia Miguel Pereira. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

SEIGEL, J. *Paris boêmia. Cultura, política e os limites da vida burguesa*. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 13-28.

WEBER, E. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WINOCK, M. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ⁱ Graduação e Licenciatura em História (UFPR/2006). Mestre em História (2009). Doutorado em História iniciado em 2009, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).